



As aparências

Daniel Brazil

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2021

BONPORTI

Gaetano Bonporti nasceu destinado a ser músico. Descendente de numerosa estirpe de violinistas que há mais de duzentos anos exercia a nobre atividade em toda a Europa, assim que suas mãos adquiriram firmeza suficiente para segurar qualquer objeto, ainda no berço, foi-lhe destinado o instrumento emblemático da família. Contam os registros que aos dez anos já impressionava a sociedade vêneta com seus trilos e glissandos.

Mais que a agilidade dos dedos e a desenvoltura precoce, causava espanto a memória prodigiosa do garoto, capaz de percorrer um programa completo sem o auxílio de partituras. As mais intrincadas peças barrocas, os mais assombrosos ornamentos rococós eram executados com olhos fechados, como se estivesse transubstanciando a melodia de uma outra esfera. Sonatas inteiras eram executadas, para deleite do público, como se o próprio compositor estivesse ali presente, assoprando-lhe as notas no ouvido. Aos dezoito anos de idade, todo o repertório violinístico, de Corelli a Brahms, passando por Vivaldi, Bach e Paganini, parecia estar gravado em sua memória.

O jovem Bonporti parecia estar destinado à glória e à fortuna, embora seja sabido que esta última não costuma frequentar assiduamente a biografia dos músicos, mesmo

os mais brilhantes. E quando as nuvens negras da Grande Guerra encheram de sombras o seu futuro, não lhe restou alternativa senão abandonar sua casa em Treviso e fugir para o Brasil, levando apenas uma sacola com algumas roupas e o seu inseparável instrumento.

Veio em busca de um suposto parente, sempre lembrado por sua falecida mãe como um bem-sucedido agricultor, que viera fazer a América no final do século e acabara tornando-se próspero fazendeiro. Ao aportar em Santos, após tormentosa viagem, deu-se conta da desmedida vastidão do Novo Mundo e da possibilidade muito remota de encontrar o primo distante. Ao invés de rumar para o interior da província, seguiu para o Rio de Janeiro com a esperança de encontrar ali os aplausos calorosos que lhe garantiriam o sustento. Era de se supor que na Capital Federal houvesse um público culto e ansioso por jovens talentosos, de nobre linhagem, capazes de dar àquela burguesia emergente e inculta uma pátina de arte e de cultura europeia. Pelo menos assim pensava o visionário Bonporti, ao desembolsar os últimos trocados para o aluguel de um quarto ordinário numa pensão obscura próxima ao cais.

As primeiras semanas foram cruéis para o jovem músico. A língua portuguesa, que a princípio lhe parecera facilmente desvendável, revelou-se plena de armadilhas. Além disso, a cidade parecia fervilhar de músicos dos mais variados naipes, fazendo filas para tocar em cafés, cinemas e teatros de revista. Muitos eram estrangeiros como ele, mas não vacilavam em abandonar a refinada música de Mozart para garantirem o ganha-pão com tangos, valsas e lundus de gosto bastante duvidoso. Por mais que Bonporti se esmerasse na execução de suas peças mais rebuscadas, era

preterido com argumentos muitas vezes incompreensíveis para ele. Quando conseguia entender, era pior. Diziam que aquela música era inadequada, ou ultrapassada ou ainda muito complicada e que, com certeza, espantaria o público, sempre mais disposto a usufruir da música como um digestivo suave ou um pretexto para o contato físico com o sexo oposto, através da dança.

Só não sucumbiu à fome e à tristeza daqueles dias graças a uma prostituta que se compadeceu ao vê-lo chegar chorando, de madrugada, cambaleando de fraqueza, à beira do porto. Não se sabe se foi apenas piedade, se instinto maternal, ou mesmo a lembrança fugidia de um antigo amor, um marinheiro também italiano que deixara marcado seu coração. O fato é que esta mulher aqueceu seu estômago e também seu corpo durante várias noites, chamando-o de “meu bambino” e levando-o para sua própria casa quando foi despejado da pensão por falta de pagamento.

Seu destino começou a transformar-se no dia em que, passando em frente a um pequeno sobrado no bairro da Tijuca, viu uma placa anunciando aulas de música. Já tinha observado várias placas parecidas, não havia praticamente um quarteirão do centro da cidade que não tivesse uma, mas a ideia de dar aulas era desanimadora. Parecia-lhe que toda a sociedade carioca se interessava apenas por piano, e era enervante passear pelas ruas mais tranquilas ouvindo os mesmos exercícios sendo repetidos de forma patética por dezenas de mãos inábeis. O que lhe chamou a atenção nessa placa em especial foi o sonoro nome italiano do professor. Num impulso, bateu à porta e se apresentou. Contou sua história e suas dificuldades, confiando na solidariedade patricia.

O velho maestro ouviu com paciência até o fim, mas sacudiu a cabeça e disse que pouco podia fazer para ajudá-lo. Percorrera um calvário semelhante desde que chegara ao Brasil, e estava conformado com o gosto popularesco e decadente daquele povo. Sabia, no entanto, que em São Paulo as famílias abastadas cultivavam a ópera e a alta música instrumental. Se em algum lugar deste país o jovem Bonporti poderia mostrar a sua arte e ser reconhecido, seria na progressista província, que além do mais era reconhecida como um grande polo de imigração italiana, o que influenciava seus costumes e gostos.

No dia seguinte Bonporti embarcou para São Paulo. Não teve coragem de despedir-se de sua protetora, mas deixou sobre a cama o cordão de ouro que pertencera à sua mãe. Levou somente o violino e um cartão que o professor lhe dera, com o endereço de um empresário artístico que agenciava apresentações teatrais e concertos em festas, casamentos e eventos sociais de toda espécie.

Foi sua salvação. A cidade era próspera e trabalho não faltava. Raro era o dia em que não houvesse pelo menos uma apresentação. Tocou em salões, fábricas e jardins da elegante Avenida Paulista. Chegou a se apresentar em três locais diferentes numa única noite. Recebia o suficiente para o sustento, e embora suspeitasse que seu empresário ganhasse muito mais que ele, sentia-se agradecido por estar tendo a oportunidade de mostrar sua arte. Os aplausos eram o seu principal alimento, e embora o repertório contratado fosse restrito e sempre repetido, não perdia a chance de exibir seu talento.

Passaram-se alguns meses e Bonporti começava a sentir-se incomodado com a rotina cansativa que se instalara em sua vida, quando um lance do acaso fez com que o empre-

sário passasse a vê-lo com outros olhos. Até então, ele nada mais era que um membro do grupo de músicos mantidos sob contrato, juntamente com dançarinas, anões e pelotiqueiros. Uma noite, porém, chovia muito e um dos músicos, responsável pelas partituras, esqueceu-as num bonde. Era um jantar elegante, aniversário de casamento de um barão do café, com mais de cem convidados. Enquanto os músicos combinavam, apreensivos, o que fazer, Bonporti rapidamente tomou de lápis e papel e transcreveu, de memória, toda a partitura que iriam executar dali a pouco. Durante o período de uma hora, enquanto transcorria o jantar, rabiscou freneticamente três partes do quarteto encomendado e para coroar, tocou a sua parte inteiramente de memória, arrancando exclamações de admiração da plateia reunida após a sobremesa. Quando a ilustre anfitriã solicitou que tocasse mais alguma coisa, não se fez de rogado. Executou uma espantosa sequência de peças altamente técnicas, de grande virtuosismo, que foram recebidas com uma tempestade de aplausos muito mais forte que a chuva que caía naquela noite.

No dia seguinte seu feito era comentado em toda a cidade. A imprensa local, contratada para cobrir o evento, transformou-o em destaque da noite. Quem era o misterioso violinista que parecia prescindir de partituras para executar as maiores obras-primas da história da música? Como alguém aparentemente tão jovem poderia ter tanto conhecimento musical? Até a lenda do pacto de Paganini com o Demônio foi lembrada por um jornalista ansioso para demonstrar sua erudição.

No fim da tarde Bonporti foi chamado ao escritório de seu empresário. Estava apreensivo, pois tinha quebrado algumas regras básicas de procedimento previstas em con-

trato. Entrou nervoso na sala e mais ainda ficou ao ver as gazetas do dia espalhadas na mesa do chefe. Este mandou-o sentar, acendeu o cachimbo teatralmente e após alguns segundos de silêncio, perguntou-lhe gravemente:

— Você é capaz de repetir o que fez ontem à noite, mais vezes e com outro repertório?

Bonporti engasgou. Esperava uma reprimenda e não uma pergunta desse tipo. Timidamente fez que sim com a cabeça. O empresário levantou-se, pôs a mão no seu ombro e encaminharam-se lentamente até a porta.

— Pois tenho grandes planos para você, *mio ragazzo*. Quero que pratique bastante, pois vamos viajar dentro de quinze dias. Monte um programa de uma hora, um pouco mais, sem partitura. Ordene os números em dificuldade crescente e guarde uma chave de ouro para o *gran finale*. A sua arte merece um público mais amplo, com certeza. *Arrivederci!*

Bonporti custou um pouco a entender o que estava ocorrendo. Começaram a fazer apresentações em cidades menores, sempre precedidos de cartazes, anúncios na imprensa e matérias, pagas pelo empresário, elogiando o “jovem fenômeno italiano”. Sua fama começou a se espalhar e os convites não paravam de chegar. Porto Alegre, Curitiba, Campinas, Rio de Janeiro, até Buenos Aires queria ouvir o “arco mágico” que encantava a todos. As histórias se multiplicavam sobre sua taciturna figura. Uns diziam que ele tinha herdado o instrumento que pertencera a Paganini, e junto com ele a inspiração demoníaca. Outros, mais cientificistas, diziam que ele desenvolvera a memória através de exercícios especiais para o cérebro, desenvolvidos na França, e que qualquer homem que se dedicasse a isso poderia, em pouco tempo, decorar a Bíblia com todas as vírgulas. As moças

EDITOR A
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

A U T O R
danbrazil@gmail.com
www.danbrazil.wordpress.com

• *Livros iluminam* •

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em agosto de 2021.
